

“Eu me desenvolvo e evoluo com minha prole”

Imagine só o perrengue de, em uma rotina tão carregada de informações e estímulos, estar fadada a aprender tudo sozinha. Parece desafiador, não? Patrícia Ramiro, 46 anos, é professora da rede pública do DF e sabe bem que, para ensinar e ser ensinada, é fundamental estar de mãos dadas com o outro. Quando o conhecimento vem pelas vivências da sua prole, ela, que também é ativista, coloca-se prontamente na posição de escuta, numa relação familiar alimentada pela amizade. Patrícia, assim como canta Marcelo D2 em um famoso sucesso dos anos 2000, desenvolve-se e evolui com seus filhos.

Ativa, a professora se mobiliza no grupo Mães da Resistência e coordena a Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Além disso, a família compartilha o que vive sobre questões relativas à transição de gênero da filha Aurora, 29, e do filho Rafael, e à representatividade, que incluem, também, a jovem Thamyres Yasmin, 13. Uma lição valiosa e primordial versa sobre a transformação que a adoção dos caçulas teve em sua vida. Porque, no caso de Patrícia, o amor de mãe veio do ventre, sim, mas não somente.

Aos 16 anos, descobriu que estava grávida do então namorado, que depois tornou-se marido e, agora, é amigo. Tinha acabado de entrar na UnB para o curso de artes cênicas e a almejada carreira de atriz precisou ser adiada. Buscou emprego, mudou os planos dentro da graduação e prestou concurso para docência. Aurora nasceu, e as duas cresceram juntas; muitas vezes, mais como amigas do que como mãe e filha. Sobre a primogênita, afirma: “Ela tem uma capacidade persuasiva, sensibilidade e amorosidade que impressionam qualquer um. Costuma ser carinhosa e empática com a dor de todos”.

Anos depois, após passar pela dolorosa perda de um bebê, Patrícia cogitou a adoção.



Ed Alves/CB/DA.Press

Na época, tal processo era chamado pejorativamente de “adoção à brasileira”, no qual não era preciso seguir todos os trâmites legais exigidos atualmente. Assim, ao conhecer uma moça que desejava doar o bebê, decidiu dar mais um passo na maternidade. Acompanhou a gestação e o parto. Quando Rafael nasceu, foi direto para os seus braços. De personalidade forte, o rapaz, desde pequeno, já apresentava indícios de altas habilidades, mostrando-se um exímio desenhista.

Já o processo de adoção da Thamyres foi mais longo e complexo. Quando a conheceu, ela era uma criança de dois anos e meio, criada por uma mãe em desespero e sem condições de sequer ali-

mentar-se. A mulher ofereceu a menina à professora, que mesmo receosa, devido a um momento desgastante no casamento, acatou a possibilidade e abraçou a adoção da pequena. Foram várias idas à justiça, até que, sete anos depois, o casal recebeu a certidão. O nome dela foi mantido com a escrita da forma definida pela mãe biológica: Thamyres Yasmin. “Essa é a minha caçula.”

“Por qual nome prefere ser chamado?”

Rafael sempre teve maior afinidade com o que se convencionou, por muito tempo, classificar como “coisas de menino”. Os brinquedos, as roupas, o corte de cabelo. Na adolescência, questionado pela mãe acerca do comportamento